



## Um pé no jornalismo e outro na literatura: a visão do narrador em *Corações Sujos*<sup>1</sup>

Amanda Pinto Franco<sup>2</sup>

Jadnaelson da Silva Souza<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o foco narrativo no livro *Corações Sujos*, escrito por Fernando Morais. *Corações Sujos* é um livro-reportagem que narra a história da *Shindo Renmei*, uma organização secreta japonesa composta por imigrantes que não aceitavam a rendição do Japão aos países aliados, durante a II Guerra Mundial. Lançado em 2000, *Corações Sujos* é uma das principais obras do jornalista Fernando Morais, que utilizou apuração através das fontes primárias e secundárias para a construção do seu livro. Este autor faz parte do chamado “novo jornalismo” e é neste conceito, de um jornalismo literário, que ele se debruça para escrever esta grande reportagem. Esse artigo mostra que a aproximação entre a área do jornalismo e o campo da literatura se dá, na esfera textual, através de estruturas comuns às duas narrativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo-Literário; Gêneros Jornalísticos; Foco Narrativo; *Corações Sujos*.

### INTRODUÇÃO

Fernando Morais é um dos nomes brasileiros mais importantes do chamado jornalismo literário, tendo algumas de suas obras publicadas em dezenove países. Entre esses livros está *Corações Sujos* (2000), que narra a história de uma associação surgida na colônia japonesa no Brasil, a *Shindo Renmei*, composta por patrícios nipônicos que não acreditavam na derrota do Japão na II Guerra Mundial e que condenavam os japoneses que aceitavam a rendição do Japão aos Países Aliados. Essa divergência de ideias provocaria um dos conflitos mais violentos na colônia japonesa e terminaria com 31 mil japoneses presos e dezenas de mortos: o confronto entre os *Makegumi* (os “esclarecidos” ou “derrotistas”) e os *Kachigumi* (os “vitoristas” ou “patriotas”) (MORAIS, 2000, p.329).

Para contar essa história, o autor lança mão das técnicas jornalísticas de apuração e coleta de informações e das técnicas literárias de construção da narrativa.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, email:[amandapintofranco@gmail.com](mailto:amandapintofranco@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, email:[jadnaelson@hotmail.com](mailto:jadnaelson@hotmail.com)



Segundo Lima (2004, p.178), o jornalismo, para se aproximar da literatura, teria que modificar tanto sua expressão quanto a compreensão do real. Apesar disso, existem elementos que são comuns a qualquer narrativa e que, portanto, estão presentes tanto na literatura quanto no jornalismo. São eles: o foco narrativo, tempo, espaço e personagens.

Esse artigo se deterá na análise da forma como Fernando Morais se posiciona frente a história para contá-la, ou seja, será evidenciado o foco narrativo. Serão utilizados os estudos de Gancho (2006), que discute os aspectos que devem ser observados na análise de narrativas, e Brait (2002), que pensa sobre a construção de personagens pelo foco narrativo. Será feita também uma breve discussão sobre jornalismo literário, que ganha novo fôlego nos Estados Unidos da década de 1960, e o pretense título de novo jornalismo reclamada por escritores daquela época. Para isso, será utilizado o trabalho de Lima (2004) que discorre sobre o novo jornalismo.

## **A HISTÓRIA**

A história que Fernando Morais narra em *Corações Sujos* se passa no Brasil, principalmente no estado de São Paulo da primeira metade do século XX. São Paulo foi um dos estados brasileiros que mais recebeu imigrantes estrangeiros no século passado, pois a economia era pautada sobre a produção agrícola, especialmente o café, e necessitava de mão-de-obra, que era escassa no país.

Em contrapartida o Japão estava passando por um momento de grande crescimento populacional e os empregos gerados no país não eram suficientes para atender a todas as pessoas. Com isso, foi selado um acordo entre o Brasil e o Japão para que os anseios dos dois países fossem supridos. Assim, em 1908 chegava ao Brasil o navio japonês *Kasato Maru* trazendo 781 japoneses que formavam a primeira leva de imigrantes nipônicos em solo brasileiro. A partir deste momento a imigração japonesa para o Brasil só cresceu, tanto que se formou aqui a maior colônia nipônica, fora da pátria mãe, do mundo.

É na colônia japonesa que se passa o grande conflito relatado em *Corações Sujos*. Com o fim da II Guerra Mundial e a rendição do Japão aos Países Aliados, a colônia nipônica brasileira se divide entre os que encaravam a realidade e aceitavam a derrota japonesa (estes foram apelidados de *Kachigumi*) e os que acreditavam que o



Japão ganhara a guerra (conhecidos como *Makegumi*). Para os *Makegumi*, aceitar a derrota do Japão era ferir o sentimento pátrio e desrespeitar o *Yamatodamashii* – o espírito japonês – o que era considerado um crime e necessitava de uma dura punição: a morte.

A partir deste conflito ideológico é fundada a *Shindo Renmei*, uma associação que tinha a missão de preservar a imagem do imperador Hiroíto e fazer valer o respeito ao espírito japonês, mesmo que para isso vidas fossem ceifadas. Assim, começa um dos episódios mais tristes da história da colônia japonesa no Brasil e é sobre este conflito que Fernando Morais constrói a sua narrativa, buscando reportar os acontecimentos do período de atuação da *Shindo Renmei* com a técnica jornalística de apresentação dos fatos associada à técnica literária de união de tramas.

O título do livro *Corações Sujos* faz alusão ao modo como os japoneses que acreditavam na derrota do Japão eram chamados pelos *Makegumis*, “patrícios de corações sujos”. O livro está dividido em nove capítulos, além do epílogo, e é composto por documentos, bilhetes e discursos transcritos, como também por fotos de arquivos e recorte de jornais, tudo para afirmar a veracidade dos fatos.

## **NOVO JORNALISMO**

A relação entre jornalismo e literatura foi estabelecida há muito tempo, antes mesmo da industrialização da imprensa. “No século XVI a balada impressa já adquiria uma forma jornalística, uma vez que se reportava a eventos reais imediatos”. (LIMA, 2004, p.183). Na segunda metade do século XIX, com a modernização do jornalismo, a notícia evolui para reportagem e surge a necessidade de aperfeiçoar a mensagem e, para isso, os jornalistas se inspiram na literatura em busca dos seus próprios caminhos para narrar o real. (LIMA, 2004).

No século XX, essa relação entre jornalismo e literatura ganha novo episódio com a ascensão do chamado *New Journalism*. Nomes como Truman Capote, Norman Mailer, John Hersey e outros marcam o período. A proposta revivida era atrelar as técnicas de apuração e seleção jornalísticas a elementos da narrativa literária, na intenção de prender o leitor à história contada com o máximo de fidelidade ao real que fosse possibilitada pela palavra escrita.



Para o jornalista e escritor Gianni Carta (*apud* GOMES, COSTA & BATISTA, 2004, p.32) o novo jornalismo era, na verdade, velho jornalismo quando Tom Wolfe, nos anos 60, estava certo de que fazia parte de um novo movimento literário. A denominação novo jornalismo já tinha sido utilizada em 1887, por Matthew Arnold, para se referir ao estilo reformista que as reportagens de W.T. Stead, escritas para a Paul Mall Gazette, tinham. (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p. 289).

Segundo Lima (2003), neste momento, a narrativa jornalística se iguala à literária, em termos de qualidade, o que é possível através da sofisticação do instrumental de expressão e o aumento do potencial de captação do real. Essa nova corrente do jornalismo resgatou para a última metade do século XX, o jornalismo literário e o modificou o bastante para influenciar todas as escolas de jornalismo do mundo, inclusive a nacional que viu nascerem dois grandes exemplos de prática da reportagem moderna: a revista Realidade e o Jornal da Tarde.

O livro-reportagem é tido como o ponto mais alto do *New Journalism*, porque somente neste momento os literatos dão atenção a essa nova corrente do jornalismo. Esse reconhecimento parte primeiramente de um ficcionista, Truman Capote, que utiliza o jornalismo para escrever um livro que se consagrou como um clássico moderno: *A Sangue Frio* (1966). Os recursos técnicos que Capote se apropria são: o ponto de vista, o registro fiel dos traços do cotidiano, a construção cena a cena e a reprodução de diálogos. (LIMA, 2003, p. 195). No Brasil, o grande impulso ao livro-reportagem acontece na década de 1970, com o lançamento de *A Ilha* (1976), de Fernando Morais, que se tornaria mais tarde um dos grandes nomes do jornalismo literário nacional.

## **ELEMENTOS QUE COMPÕEM A NARRATIVA**

O jornalismo possui particularidades que o diferencia de outros tipos de texto. Da mesma maneira, a literatura se apresenta por elementos próprios com indicativo de um texto voltado para a ficção ou para a poética. Porém, por fazerem parte de uma narrativa, possuem uma mesma característica: a existência de elementos narrativos como personagens, tempo, espaço, ambiente e foco narrativo.

Em *Corações Sujos* estes aspectos comuns às histórias contadas, são bem definidos. Fernando Morais apresenta uma diversidade de personagens para compor seu



livro e constrói a narrativa, em muitos casos, a partir destas figuras. Gancho (2006) afirma que:

a personagem é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras é quem faz a ação (...)é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala. (GANCHO, 2006, p.14)

A descrição deste elemento narrativo pode ainda ser mais bem explicada pela classificação dos personagens, segundo a mesma autora. Gancho (2006) divide, quanto ao papel desempenhado no enredo, em protagonista - tratando-se do personagem principal; antagonista – aquele(s) que se opõem ao protagonista, atrapalhando sua ação; e o personagem secundário - que são os que possuem participação menor em relação aos outros dois.

Em *Corações Sujos*, Fernando Morais cita personagens que se enquadram nestas classificações da autora. A própria *Shindo Renmei* pode ser considerada protagonista na história, já que o livro gira em torno desta organização japonesa. O Coronel Junji Kikawa é constantemente citado durante todo o enredo por comandar a *Shindo Renmei*. Ele poderia ser categorizado, segundo as definições de Gancho (2006), como secundário, visto que é mostrado em favor da seita e é um dos “cabeças” do grupo, mas dentro do enredo ele não é o foco.

Outro aspecto comum em narrativas é o tempo. Este pode ser caracterizado como cronológico ou psicológico. Gancho (2006) esclarece que o primeiro está ligado à linearidade do enredo, à ordem natural dos fatos contados e que pode ser medido em horas, dias, meses, anos e séculos. Já o segundo depende da imaginação do autor e tem aspecto não-linear. (GANCHO, 2006, p.21)

Fernando Morais inicia o livro-reportagem especificando com data e horário o momento ao qual ele se reporta. Ele escreve “eram pontualmente nove horas da manhã do dia 1º de janeiro de 1946” (MORAIS, 2000, p. 09); e daí por diante o autor constrói a sua versão da história dos japoneses. Mas ao decorrer da leitura nota-se que há uma não linearidade nos fatos, ou seja, alguns acontecimentos, assim como algumas pessoas citadas pelo autor são constantemente retomados durante o texto, com um efeito de vai e volta, ou seja, o *flash back*.



O autor cria a narrativa com uma lógica sequencial, dividindo o livro-reportagem em nove capítulos. Mas a sequência que Morais tenta colocar está apenas na maneira com que ele inicia e termina o livro, em uma cronologia histórica de início, clímax e desfecho de toda a confusão entre japoneses e japoneses e japoneses e brasileiros, pois ao decorrer da leitura, personagens de uma situação citada no início da obra, só são bem explanados ao final dela.

Como é o caso de Eiiti Sakane, parte fundamental no caso da bandeira- do primeiro capítulo-, em que um cabo da força pública humilha o orgulho japonês, limpando seus sapatos com a bandeira do Japão. Esta ação fez com que sete japoneses, incluindo Sakane, perseguissem o militar para tentar matá-lo. Morais poderia ter feito a apresentação de Eiiti Sakane no início da obra para falar afundo como era ele. Mas o autor preferiu separar um capítulo, o sétimo, denominado “Eiiti Sakane, o Ronin solitário” para aprofundar em Sakane.

O espaço é o lugar onde se passa a narrativa, ainda de acordo com Gancho (2006). Em *Corações Sujos* este espaço refere-se à cidade de São Paulo, local onde aconteceram os conflitos. O ambiente é a descrição das características psicossocial, moral e econômica da personagem. (*ibid*, p. 23) e serve para apresentá-la ao leitor. Um exemplo da ambientação feita por Morais pode ser notado no trecho:

Os primeiros dias na capital foram passados num lugar fantasmagórico: a Tinturaria Oriente, do patricio Kamegoro Ogazawara, um radical de 57 anos. As primeiras instruções eram dadas nos salões dos tanques de tingimento, espalhados pelos porões de várias casas geminadas. A precária iluminação do lugar vinha da luz mortiça de algumas lâmpadas penduradas no teto. Sob um calor insuportável, dezenas de japoneses seminus, com cabeças protegidas por turbantes, molhados de suor, passavam dia e noite num trabalho que parecia não ter fim. Correndo de um lado para o outro, baixavam e levantavam varais cobertos de peças de tecidos fumegante que eram mergulhadas nos tanques onde fervia a anilina – em cada tanque, uma cor diferente. (MORAIS, 2000, p.158)

Descrições deste modo são feitas pelo autor durante toda a obra. Isso pode ser notado como um recurso que projeta os conflitos vividos pelos personagens.

O foco narrativo é constituído pelo ângulo visual do narrador, ou melhor, pela posição do narrador em relação ao fato narrado, de acordo com Sérgio (2007). É a partir do foco narrativo que o autor é percebido no enredo. Brait (2002) elenca dois tipos de narrador: em primeira e em terceira pessoa. Narrador em primeira pessoa se coloca dentro do enredo, como personagem. Já o em terceira situa-se fora dos fatos.



Consideraremos que o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto uma verdadeira câmera, ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados. De acordo com a postura desse narrador, ele funcionará como um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens. (BRAIT, 2002, p.53)

Sérgio (2007) complementa os tipos de foco narrativos já apresentados. Segundo o autor, um tipo especial de narrador de terceira pessoa é o onisciente, ou seja, aquele que sabe de tudo que acontece dentro da história. Geralmente este é o narrador que se encontra dentro dos textos jornalísticos e que pode ser evidenciado no livro-reportagem *Corações Sujos*.

## **O FOCO NARRATIVO EM CORAÇÕES SUJOS**

No jornalismo, assim como na literatura, as histórias são contadas por um narrador, figura esta que pode estar presente ou não no enredo. Em *Corações Sujos*, Fernando Morais conta com a descrição de um fato histórico, respaldado por uma apuração jornalística com base nas fontes primárias e secundárias. De acordo com Gobbi (2008) deve-se entender por fontes primárias os documentos (oficiais e não-oficiais), livros, testemunhos orais, fotos, diários e autobiografias. Já as fontes secundárias são as entrevistas. (GOBBI *in* DUARTE, 2008, p.92-93).

Para construir e organizar as informações, o autor realizou um trabalho de levantamento e seleção de fontes. Ao escrever a obra, apesar de adotar o estilo do jornalismo-literário, Fernando Morais colocou-se fora da narrativa, mas com um conhecimento de causa que muitas vezes provoca no leitor uma dúvida se realmente aquilo foi real pela propriedade do escritor, que narra com base em suas fontes.

O autor de *Corações Sujos* apresenta as histórias no livro com um ar de intimidade, como se ele tivesse estado no local e tivesse participado do conflito com os japoneses, o que para a literatura é denominado narrador onisciente. O capítulo três do livro exemplifica o domínio da escrita do narrador onisciente:

O interrogatório ainda nem havia começado quando um investigador entrou esbaforido na sala com a novidade:

“Dr. Geraldo, um outro grupo de cinco japoneses acabou de matar o empresário Chuzaburo Nomura, o tal ‘Rei do Rami’. Mataram o sujeito em casa, na frente da família, e fugiram.”

O diretor de serviço secreto do DOPS vestiu de novo o paletó que acabara de pendurar na cadeira. Antes de sair deu ordens para um auxiliar:



“Identifica esses vagabundos e depois leva os dois pro xadrez. O interrogatório deles fica para depois. Vou para a casa do Nomura e depois vou ao palácio falar com o interventor. Convoca todos os policiais da captura, porque estou desconfiado de que a matança começou.” (MORAIS, 2000, p. 122)

Neste fragmento, Fernando Morais apresenta termos com marcas da oralidade nos diálogos. Esta garantia do autor na transcrição de falas é dada pelo aspecto literário contido na obra, posto que dificilmente Fernando Morais tenha acessado registros desta conversa na íntegra.

Muitas descrições feitas por Morais podem ser explicadas pelo acervo histórico utilizado para a construção do livro, mas uma parte pode ser esclarecida como uma maneira de dar coerência ao texto. A onisciência deste narrador chega ao seu ápice quando é oferecida voz ao personagem, “mostrando” o que ele poderia estar pensando, uma maneira de demonstrar que o narrador realmente conhece seu personagem a fundo. Volli (2007) explica que este tipo de narrador tem a perspectiva de narração de focalização zero, ou seja, é dado ao leitor conhecer os pensamentos dos personagens e, conseqüentemente, saber mais sobre cada um deles. (VOLLI, 2007, p. 95) como no trecho:

Afinal, perguntava-se *Kikawa*, o que fazia entre empresários, jornalistas e diplomatas o coronel *Jinsaku Wakiyama*, um patriota, que já havia até sido preso pelo DOPS, sob suspeita a favor do Japão?(...) A cada notícia de derrota militar do Japão, os imigrantes reagem com desânimo e prostração. Na cabeça de *Kikawa*, era chegada a hora de alguém “unificar de novo a colônia em torno do *Yamatodamashii*, o espírito japonês”. (MORAIS, 2000, p. 98-99)

Isso faz parte do narrador câmera, descrito por Brait (2002) em que este vive a curiosa experiência de conhecer uma personagem, a quem raríssimas vezes é dada a palavra, de forma total e avassaladora. (BRAIT, 2002, p.53).

Por se tratar de um livro-reportagem, estes recursos literários necessários são utilizados para estruturar a narrativa e fazem parte do que Aristóteles chamou de verossimilhança, ou seja, aquilo que não é necessariamente o verdadeiro, mas o que parece sê-lo, graças à coerência da representação-apresentação fictícia (CHIAPPINI, 1985, p.12). Portanto no instante em que Morais conta as minúcias de uma cena ou de um diálogo, é para dar significação à narrativa.

Alguns fragmentos do livro *Corações Sujos* denotam um autor possuidor de uma onisciência intrusa, que seria aquele que fala com o leitor ou que julga diretamente o



comportamento dos personagens (GANCHO, 2006, p.28). Essa percepção pode ser encontrada em:

O chefe de polícia da cidade parecia ter sido nomeado sob medida para o lugar. Famoso pela energia com que exercia sua autoridade, o delegado Luiz Bernardo de Godoy e Vasconcelos era tido como um homem “medonho”, que fazia valer a lei “metendo a borracha”. Valente a habituado a enfrentar sozinho os “japoneses recalcitrantes” da cidade, decidiu aplicar a sua moda a legislação de guerra – que nessa época já nem existia mais.

A adjetivação do autor com aspecto de narrador intruso pode ser justificada pela interpretação dos fatos. Fernando Morais teve acesso a inúmeros documentos, além de entrevistas e estes poderiam ter lhe dado indícios para que houvesse essa qualificação por parte do narrador onisciente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre jornalismo e literatura se dá na dentro do texto e acontece através dos elementos comuns as duas formas de narrativas. Personagens, tempo, espaço e foco narrativo estão presentes tanto na escrita literária quanto na jornalística e são essenciais à construção da história. Os personagens são os responsáveis por desenvolverem as ações da história que se passa em um ambiente (espaço) e em um período específico (tempo) e é contada por alguém que pode estar dentro ou fora da história (foco narrativo).

Após análise, percebeu-se que, em *Corações Sujos*, Fernando Morais se coloca como narrador onisciente, o que permite que a história seja destrinchada minuciosamente, já que o narrador conhece tudo sobre os personagens e sobre as situações contadas. Esse tipo de foco narrativo permite que o leitor tenha uma visão panorâmica sobre a história.

O jornalismo literário se apresenta como válvula de escape para as pressões do jornalismo factual. Neste, o tempo e a necessidade de se produzir diariamente não permitem ao jornalista aprofundar alguns assuntos de forma interpretativa, apresentando ao leitor uma visão mais aprofundada sobre o tema. Já no caso do jornalismo literário, o espaço físico (livro-reportagem) assim como o tempo para pesquisa, levantamento de dados e apuração de informações são maiores, o que possibilita o aprofundamento sobre



um fato importante para a história de um país e de um povo, como é o caso do episódio narrado em *Corações Sujos*.

## REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo, SP: Ática, 7ªed. 2002
- CHIAPPINI, Lígia. **O Foco Narrativo**. São Paulo, SP, Ática, 10ª Ed. 1985
- DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Atlas, 2008
- FERREIRA JUNIOR, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas: Discursos e Contradiscursos, o Novo Jornalismo, o Romance-reportagem e os Livros-reportagem**. São Paulo: Edusp, 2003.
- GANCHO, Cândida Villares. **Como analisar narrativas**. São Paulo, SP: Ática, 2ª ed., 2006
- GOMES, Felipe Sáes; COSTA, Klenio Veiga da; BATISTA, Renata Lourenço. **Jornalismo Narrativo**. Eficiência e viabilidade na mídia impressa. Campos, UNIFLU, 2004.
- Imigração japonesa no Brasil**. 1908 – 2008. Disponível em: <http://www.imigracaojaponesa.com.br/nossahistoria.html>. Capturado em: 03/05/2012, às 17h42
- LIMA, Edvaldo Pereira. A demanda dos níveis de excelência. IN: LIMA, Edvaldo Pereira **Páginas Ampliadas: O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**; Barueri, SP: Manole, 2004.
- MORAIS, Fernando. **Corações Sujos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000
- SÉRGIO, Ricardo. **Foco Narrativo: Estudos Literários**. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/434347>, capturado no dia 03/05/2012 às 15h13.
- VOLLI, Ugo. **Manual de Semiótica**. Edições Loyola, São paulo, 2007